

“ENTRE”: LOCAL/TEMPO MESTIÇO E MODOS DE CONHECIMENTO

Ana Cecília dos Santos

Do parágrafo seguinte em diante, você, caro leitor, fica sabendo as sinopses de cada estreia, com direito a uma crítica tão especializada quanto qualquer outra que publicamos nestas mesmas páginas sobre o principal lançamento, “Maze Runner” (só que esta é vinda de crítico da Folha de São Paulo, porque nós somos chiques e porque tem tonto que valoriza mais só por isso, agregando valor) - Rodivaldo Ribeiro, Diário de Cuiabá.

Resumo: Temos por objetivo discutir os modos de conhecimentos presentes nas críticas publicadas em jornais *online* e *blogs* incidentes ao cinema nacional, problematizando, assim, as relações cultura-objeto. O *corpus* da pesquisa se constitui de forma qualitativa, dentro da observação dos jornais Folha do Estado (MT), Diário de Cuiabá (MT) e Gazeta Digital (MT), bem como *blogs* relacionados às notícias desses, articulando-os com conceitos sobre mestiçagem e América Latina, com fundamentação em Amálio Pinheiro (2009;2013) e Françoéis Laplantini/Alexis Nouss (2007).

Palavras-chave: cultura; conhecimento; mestiçagem; crítica; jornal.

Introdução

Locais de fluxos contínuos de informação, multiplicidade de processos culturais e demasiadas relações, obtidas de forma rápida e acelerada, os textos culturais são nessa reflexão tratados sob a ótica das discussões dos processos culturais em sociedades mestiças, baseando-nos em pesquisadores como Amálio Pinheiro (2009; 2013) e Françoéis Laplantini/Alexis Nouss (2007).

Nesse entendimento, nosso objetivo é discutir em que medida os procedimentos de construção sobre a crítica cultural, em sociedades mestiças, comentadas nesta reflexão, são praticados, averiguando, para tanto, objetos e relações (jornal – sociedade – mediações)

presentes na mídia, a fim de servir à problematização dos estudos das relações culturais, em especial ao contexto do Brasil.

O *corpus* da pesquisa, para tal fim, é constituído, de forma qualitativa, por textos de jornais e *blogs*, nos quais se buscam, dentro do jornalismo cultural, conceitos a respeito das produções cinematográficas brasileiras, como índices dos processos de mediação, no ano de 2014. Para a pesquisa em questão, observamos os jornais “Folha do Estado”, “Diário de Cuiabá” e “A Gazeta Digital”, periódicos mato-grossenses.

Esta pesquisa parte da observação de textos em jornais digitais, conforme já comentamos, contudo, encontramos a necessidade da inclusão dos *blogs*, como material de análise, uma vez que observamos, em alguns casos e temas, a utilização desse meio como forma de estender e dar complexidade aos assuntos, pois, alguns jornais abordam os temas apenas com cunho informativo, ao passo que, em seus respectivos *blogs*, os adendos críticos, sobre a mesma recorrência, são amplamente discutidos¹. Outras fontes sobre crítica cinematográfica também foram observadas, a fim de acompanhar os temas e recorrentes reflexões encontradas no processo. Nessa dimensão, filiamo-nos à noção de que é necessário tecer nexos, visto que

Assim como num poema é desejável que se teçam nexos recíprocos da letra ao verso e às estrofes, do mesmo modo, guardadas as diferenças e proporções, pode-se verificar os encaixes e adaptações sintáticas das séries da natureza (todo o reino mineral, vegetal e humano-animal, e das séries da cultura (arquiteturas, festas, vestuário, culinária) como os processos criativos dos meios de comunicação, do jornal impresso à telemática (Pinheiro, 2013:20).

Compreendemos, então, as tessituras entre os processos criativos dos meios de comunicação. Nesse raciocínio, em Santos (2014), pesquisa parcial apresentada anteriormente discutimos os modos de conhecimento da crítica sobre as sociedades mestiças, investigando duas produções cinematográficas e suas respectivas reportagens², elencamos algumas

¹ Dentre os jornais observados, somente o jornal “Gazeta Digital” oferece no *layout* da página a opção “*blogs*”. Mesmo assim, na maioria dos casos, os temas abordados são políticos e econômicos, sem haver, certa, relação entre as matérias sobre jornalismo cultural. Dessa forma, foram observados *blogs* de colonistas/colaboradores ligados aos jornais, assim como outras referências específicas sobre crítica de cinema, descritas na bibliografia.

² Investigamos reportagens referentes aos filmes “A oitava cor do arco-íris”, do diretor Amaury Tangará, e “Before breakfast”, da diretora Moema Umann, com o objetivo de observar os aportes/indicadores de

hipóteses e pretendemos levanta-las, mais uma vez, como parte da nossa discussão, quais sejam:

- a) conceitos sólidos promoveriam a ausência de discussões em determinadas obras;
- b) conceitos reducionistas seriam tomados como responsáveis em propagar moldes/estereótipos culturais;
- c) certos moldes atuariam em obras, tidas como acabadas, para sua perpetuação como produto modelo;
- e d) a crítica pertenceria a objetos complexos e a utilização de moldes conceituais atuaria nesses objetos para simplificá-los (Santos, 2014:43).

Desta forma, buscamos, em tais hipóteses, discutir acerca do objeto estudado, a “crítica cultural em modos de conhecimento que servem às sociedades mestiças”, tomando-as “como mecanismo de tensão junto à problematização” (Santos, 2014:43). Primeiramente, discutiremos conceitos como: o pensamento complexo, em contraposto ao pensamento binário e identitário (Pinheiro, 2009; 2013a); o espaço “entre”, “mínimo divisor” das tensões, abordado por Laplantine/Nouss (2007); e as sociedades mestiças, bem como seus respectivos modos de conhecimento (Pinheiro, 2009; 2013b). Posteriormente, são apresentadas, articulados a Santos (2014), às reflexões sobre a crítica em jornal, resultantes do corpus desta pesquisa. Por fim, consideramos certas tensões encontradas no processo, afim de servirem como apontamento para, possíveis, estudos incidentes à temática.

1. Conceitos relacionados

Seguindo a proposição já apresentada, entendemos que tão somente o estudo de correntes isoladas, por exemplo, proporciona uma visão acéfala de um possível objeto, ao passo em que duas abordagens, mesmo contraditórias, proporcionam formulações complexas. Ou seja, nossa compreensão situa-se na perspectiva de que o pensamento dualista reparte e polariza aspectos complementares do campo de conhecimento, desfavorecendo o pensamento complexo. Logo, dentro de uma ótica analógica dos processos, os nexos, **o pensamento complexo** maximiza o estudo das relações e dos espaços criados por estas – objeto, cultura, mediação, entre outros. Nesse sentido,

- a negação ou afirmação se tratadas como oposições (...) nos induziriam à compreensão parcial do objeto, existindo a necessidade de mediação, que não se resume ao relativismo, nem a síntese, mas se elabora dentro de formas complexas, coexistindo nas tensões entre tese e antítese (Santos, 2014:43).

Em nosso entendimento, portanto, o estudo dos objetos levado em consideração processos culturais e tecnológicos e a relações entre tais espaços alarga-se em ambientes comunicacionais complexos, nos quais o estudo espectral detalha intensas-breves-relações, quais sejam: a) *significativas*, no sentido de atribuição de signos complexos e imprescindíveis aos processos; assim como, b) *breve*, em sua forma momentânea de existir (ao mesmo tempo em que nos faz refletir sobre a notação musical da “breve”, o maior tempo de preenchimento em música, na escrita tradicional); e da maneira como determinados conceitos relacionam-se com demais campos de conhecimento e, conseqüentemente, novos processos.

As relações, neste sentido, são importantes tanto para “o dentro”, quanto para “o fora” (interior e exterior), análogo às relações de superfície esférica, e ocasionam relações em todos pontos possíveis, tanto para dentro, quanto para fora, em modos infinitos. “Dessa forma, faz-se importante uma posição intermediária, não de sintetização, mas de mediação para esse tipo de discussão” (Santos, 2014:43).

É possível pensarmos assim, porque a natureza, segundo Pinheiro (2013), pertencente ao não-binarismo e às relações complexas, deve ser observada de maneira sincro/diacrônica e tem por pertencimento a crise, como maneira de problematizar seu carácter de existência e “permanência” de estado - estar continuamente em crise, característica na/com a qual problematiza todo e qualquer elemento que participe dela (objeto, tempo, local, cultura, entre outros).

Do mesmo modo, o mesmo autor aponta que as visões culturalistas baseadas na autenticidade transformam os processos culturais em conceitos de núcleos sólidos, perpetuando um certo caráter de pureza inexistente. E, neste sentido, observamos isto como um mecanismo de (des)problematizar os locais de crise. Logo, o pensamento sobre “essência”, desta forma, como origem dos objetos, proporciona às relações vislumbramentos espontâneos e autocriacionistas, fictícios para o estudo dos processos culturais e da complexidade das relações.

Ainda, a leitura de autores deslocados de seus contextos e traduzidos de forma inadequada (tradução dos objetos culturais e suas relações de contexto histórico-sócio-cultural

e linguístico) e as teorias-fashion-cambiantes (citadas por modismos, em qualquer tempo ou local) saturam a demasiada utilização de formulações milagrosas para o estudo das relações e seus objetos no campo cultural, continuamente, expondo reducionismos ou simplificações aos objetos mestiços, além do peso com que as teorias mais recentes tomam “como superação das teorias anteriores, dentro de uma lógica evolutiva marcada por rupturas” (Santos, 2014:45).

Na mesma direção, sem questionarmos os conceitos binários, baseados em oposições não relacionadas, marginalizamos os possíveis encaixes entre “os” dentro e “os” fora. Dentro disto, ao que se pertence a crise nunca poderá pertencer a esquizofrenia, como observado em teorias que precederam um “certo” pensamento pós-moderno, pois, de outro modo, é como se as relações sofressem fragmentação em seus processos de conhecimento, bem como dificuldade de estabelecer nexos entre o lado de dentro e o de fora, características estas não pertencentes às relações mestiças.

1.1 O local/tempo “entre”

Conforme Laplantine/Nouss (2007), a lógica identitária pretende estabelecer o corte sobre o real, através de linhas contrastadas, sem existir nada entre estas duas forças. Neste sentido, a noção de unilateralidade estabelece-se exatamente como o contrário da mestiçagem. Esta, por sua vez, percebe seus objetos não participantes, apenas, em conjunto – um ou outro, um com outro, um dentro do outro, um através do outro -, mas nos encontros, convertendo-se em “mínimo divisor”, pois,

El pensamiento mestizo implica la conjunción pero también la disyunción. Es un pensamiento de la circulación (más que de la ‘comunicación’) entre la conjunción e la disyunción (...) en un movimiento de conversión franco y deliberado, no tiene trabajo en reconocer su campo (...) Suscita muchas resistencias (Laplantine; Nouss, 2007:266).

Esse carácter exige um exercício de pensamento e não, somente, uma escolha. Superficialmente, compreender este campo de forma passiva é errôneo, pois as concordâncias entre os objetos, nas relações mestiças, são formadas por múltiplas tensões e resistências, tanto entre espaços, quando por seus determinantes temporais.

Metaforicamente, essa relação pode ser explanada através do holograma em movimento: a projeção tridimensional do registro de determinadas teorias, somada a radiação proveniente do objeto grafado em seu meio, produz uma verdade virtual que incide sobre o objeto natural, ambos móveis. Temos, então, neste processo, o ponto mediano do misto, do meio e da mescla, em um *continuum*; assim como “o mínimo comum” entre os mesmos, coexistindo-se por movimentos internos, dentro de cada conceito, e externos, entre os campos. Já não é o primeiro, nem o último, mas o encontro dos mesmos; já não é fusão, visto que não se sintetiza, mas relações cambiantes de tensões combinatórias em processo.

Contudo, é comum que tais teorias projetadas em outra cultura, encaixem os novos modos de conhecimento em modos já existentes, fixando-os – uma vez em que se apreende os “novos modos” por processos de semelhança, ou por objetos acabados/finalizados, a tendência é utiliza-las para simplificar a explicação de tais relações.

1.2 As sociedades mestiças

Sobre sociedades mestiças, Pinheiro (2013) aponta que participamos de processos midiáticos e relações mestiças responsáveis por apropriarmos-nos das formas de existência Barroca: nossa formação oral, analógica, de múltiplas linguagens; nosso processo de colonização – ao mesmo tempo em que formávamos dinâmicas singulares inexistentes; a combinação de elementos paradoxais, aproximações com o desconhecido – a periferia – e a proliferação do acaso; nosso caráter de lugar com maiores dinamismos semióticos, da incorporação e do movimento. Logo,

(...) América Latina: desde o descobrimento, via mestiçagem de formas, barroca de partida, realizada em materiais de novas proporções topológicas e geológicas (madeira, ouro, vegetais, água, voz, letra, luz), fundou-se a arte do mosaico de fragmentos contra à ideia dos modelos originais de influência por sucessão (Pinheiro, 2009:9).

Tais características estariam presentes nas sociedades naturais – sociedades externas, solares –, onde a multiplicidade gera inúmeras configurações, contaminações e articulações;

sociedade do mestiço e do migrante, pendentes ao devir das relações com o outro, a efervescência do heterogêneo, o lugar crítico/complexo. Para Pinheiro (2010),

Poemas ou balangandãs incrustam os diversos conhecimentos e práticas que arribados, fabricando objetos e textos mestiços à revelia (...) a aceleração dos contágios em séries culturais (...) e midiáticas (...) redesenhou e redistribuiu em vaivém formas (...) porosas, não ortogonais (Pinheiro, 2009:10).

Em tais sociedades, a riqueza das relações é obtida através das diferenças. Objetos divergentes e múltiplos relacionam-se, mesmo que sejam propensos ao erro e/ou, em maiores vezes, seus processos sejam obtidos por acaso, de maneira que percebemos seu conflito por antagonismos e diálogos tensos, sendo necessário acentuar a diferença para ter algo do outro em si.

Uma vez que os processos mestiços formam-se por relações singulares, resolvem seus problemas de forma diferente das sociedades clássicas, sem arbitrariedade, o que faz com que possamos afirmar que a crise seria a estabilidade de tais sociedades e, dentro das relações com o outro, só não entramos em guerra porque compreendemos o múltiplo: “nossa capacidade de olhar para o lado e incorporar o outro” (Pinheiro, 2013). Dessa maneira, Pinheiro (2009) identifica tentativas de conceitualização das novas constituições da Latino Americanas comparadas à Europa. Nesse apontamento, em seus estudos sobre Alejo Carpentier, encontra o conceito de “o estilo das coisas que não tem estilo ... uma nova disposição de elementos...de alusões de coisas a outras coisas...em suma, fonte de todos os barroquismos conhecidos” (Carpentier, *apud* Pinheiro, 2009:10).

Por essa dimensão, nossas características, presentes na cultura da multiplicidade, diversidade e articulação, são obtidas pelas relações intensas com a música, o canto, a dança, o riso, a festa, o erótico, o gesto: o corpo no externo - formações étnicas, feitas com o corpo e funcionalizadas para ele, a ponto de não serem compreendidas por funcionalidades do interno, da mente. É nesse sentido que as teorias não puderam mais dar conta de pensar a cultura mestiça, pois estabelecem padrões pertencentes a outra cultura, culturas estruturadas pela letra. Pinheiro (2013) aponta, claramente, a presença das influências apolíneas nas sociedades clássicas e a demonização da cultura dionísíaca – características mais próximas da nossa formação (exótica, sensual, selvagem, externa).

O estudo das sociedades mestiças, dessa forma, deve pertencer ao campo de criações e recriações, colhendo interesses e relacionando-os com a sua época – relações sincro/diacrônicas. Através desses cruzamentos, criam-se possibilidades ímpares de ensaios. E, para Pinheiro (2013), é importante observar as características sociopolíticas culturais presentes, justamente, nos amálgamas, compreendendo, nesse sentido, que os locais críscos são, justamente, os locais das relações mestiças, questionantes frente a uma certa normalidade usual, discutindo sobre padrões, supostamente, estabelecidos. Dessa maneira, um sistema crise reflete e questiona sua posição e atuação continuamente dentro do devir e de sua formação com o outro.

2. “Entre”: jornais, blogs e a crítica sobre o cinema mestiço.

Os modos de conhecimento desenvolvidos pelas críticas encontradas por Santos (2014), referente ao cinema mato-grossense, tem, em seu cerne, regulações impostas por referências de outras culturas/meios. E, dentro da nossa percepção, os estudo e discussões sobre os objetos mestiços, desta forma, ao se enquadrarem em tais análises, sofrem adequações por sínteses, fusão ou *imprinting*³. Ao observarmos, os jornais e *blogs*, foco de nossa pesquisa, e as críticas cinematográficas referentes, percebemos essa construção ideológica, perpetuando e (re)significando objeto-cultura conforme relações e padrões anteriores, assim como apontado previamente em Santos (2014) “ (...) a forma como, em poucos parágrafos, a mídia estipula o poder de síntese, construindo uma identidade, suas formas e valores, através de *imprintings culturais*.” (Santos, 2014: 51).

A eleição de críticas mais severas em algumas produções, parece basear-se na lógica de aproximação de contextos e, conseqüentemente, equivaler-se nas produções. Ou seja, uma obra é aproximada de outra conforme o número de semelhanças e, analisada com os mesmos padrões e indicações, emoldura proximidades e exclui suas diferenças, diferenças sob as quais pairam os espíritos mestiços encarnados.

3 Termo desenvolvido por Konrad Lorenz ao observar a marca nas relações do indivíduo com o meio (família, escola, relações sociais), a partir do seu primeiro contato. Esta relação perpetua-se através dos processos de “normalização”, o qual é transformado em moldes e, conseqüentemente, certo conformismo social.

Desta forma, observa-se que, aos filmes produzidos em um mesmo local (espaço/tempo), atribui-se valoração diferenciada baseada em conceitos pré-estabelecidos, mas que, ao mesmo tempo, desconsideram a produção como processo de criação (Salles, 2008) e obra como gesto inacabado (Salles, 2011).

Os textos encontrados servem ao jornalismo cultural, mas se relacionam a tal ponto com os demais gêneros literários (informativo, descritivo, narrativo, entre outros) que produzem tensões em suas relações. Braga (2013) considera que a crítica jornalística na internet tem seu pertencimento a um estado transitório, sendo um dispositivo em transformação. Nesse entendimento, compreendemos nosso *corpus* de pesquisa dentro desses processos cambiantes, comumente, também, encontrados nas relação e práticas mestiças. Por estarem "Entre" (Laplantine; Nouss, 2007), este, possível, transitório seria seu "estado de pertencimento", como discutido anteriormente; não pensando, estes "locais", somente, como uma local crítico (de e/ou em crise), no qual, faz-se necessária sua resolução, uma vez que, em seu caráter constitutivo, a crise é sua própria reação de pertencimento.

Por essa via de compreensão, os encaixes entre o jornal e o *blog* aderem-se, observando os aspectos diversos de um mesmo objeto. Mas, comumente, dentro dos textos observados, a crítica e as opiniões estão mais frequentes nos *blogs*. Em seus textos, os blogs são tomados por forças que tencionam e problematizam os objetos, em modo de percepção baseado na ótica de seus autores e abordado de forma mais livre, de acordo com seu público.

No caso dos jornais, suas matérias, em grande parte, são réplicas de outros jornais – frequentemente, jornais do estado de São Paulo e, quase exclusivamente, o Estadão (SP); ou textos do editorial de caráter informativo, com o objetivo de divulgar os filmes que estão nas salas de cinemas. É corrente, também, encontrarmos textos de colaboradores, professores ou alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. Contudo, esses textos, mesmo trazendo uma carga significativa de conceitos teóricos e reflexões, partem de suas teorias alocando os filmes para, então, discuti-los, esquecendo-se de que as teorias são os resultados dos objetos em suas relações com o meio.

Como uma questão, possivelmente, de cunho ideológico – ou perderiam assim seus anunciantes – tanto editorial quanto colaboradores abordam, exclusivamente, os filmes em cartaz, na medida em que poderiam utiliza-se deste espaço para introduzir novas escolhas, visto que o público dos meios digitais tem acesso a um “outro” cinema. Não seria, também, o papel da crítica agir como mecanismos de tensão e resistência? Não seria uma maneira de criticar os filmes das salas de cinema apresentando ao público outras produções?

Em paradoxo, as críticas sobre os filmes em cartaz são severas ao apontar tais produções puramente como produto da indústria mercadológica, “sem conteúdo”, “banais”, “a desejar”. Informações incongruentes, pertencentes a um estado de crise, aparecem no mesmo jornal em que vendem as propagandas das salas de cinemas, a péssima qualidade dos produtos vendidos.

Dentre as matérias observadas, em paralelo as críticas investigadas, uma gostaríamos de focar, por reconhecermos sua importância incidindo em algumas reflexões sobre os modos de conhecimento à crítica das produções cinematográficas brasileiras: “Campanha publicitária é lançada para estimular consumo do audiovisual brasileiro” (Data de publicação: 09/12/2014. Autor: Folha do Estado. Fonte: Portal EBC. Matéria replicada pela Folha do Estado de Mato Grosso). Poder-se-ia dizer, neste sentido, que falta ao mestiço encarnar-se da mestiçagem que o rodeia, suprimindo-se das roupas que o circunda e relacionar-se com o meio? Falta ao participante mestiço compreender-se como um dos elementos da cultura, e não o único, pelo qual e por qual a cultura existe?

Considerações finais: escolhas cambiantes de um processo.

Relacionar os objetos, mesmo que por mais próximos que estejam, é dar complexidade aos processos e suas relações. Assim, não podemos deixar de citar os apontamentos obtidos em Santos (2014), os de que

seus espaços são amálgamas e camadas sobrepostas pertencentes a objetos formados por elementos externos e internos entrelaçados, relacionando-se, formando configurações amaneiradas do tempo. Tempo que só pode ser visto no determinado momento da escolha, pois sua capacidade de esvair-se é fluxos de contínuos (Santos, 2014).

E, levar em consideração tais espaços, é relacionar-se com os objetos mestiços; mas do que diálogo e compreensão é frequentá-lo – estar em suas relações continuamente. Serão, neste sentido, nos “entre coisas” – nas nuances, fragmentos, diferenças, encaixes, elos – que encontraremos o “pertencimento” do objeto. Sobre “pertencimento”, compreenda-se as relações obtidas por determinados processos, gerados por outras cadeias criativas, transformado em um processo único de criação nunca, e de forma alguma, no sentido estático, apreendendo essa unicidade e este pertencimento não como essência, mas como as águas de um rio, por onde não se pode pisar novamente: o rio sempre será diferente, único, dentro de um determinado tempo/espaço.

Caberia, desta forma, ao texto para “o jornal/o blog” mestiço, compreender-se como tal. Questionar e discutir seus objetos e suas relações como processos complexos derivados de outros “micro/macro” processos, alguns discutidos sucintamente, neste contexto, mas nunca podendo ser previsto; fora de um pertencimento prévio (moldado), questionando padrões estabelecidos e possíveis padrões que pretendam se estabelecer.

Falta, à crítica, dentro de suas teorias, celebrar o objeto mestiço. Pode haver crítica sobre objetos desconhecidos (?) e, talvez, esta seja a designação mais apropriada de um fazer corpóreo/espiritual da crítica em direção à crítica mestiça: celebrar a crise, seus processos e suas cadeias de criação.

Ana Cecília dos Santos é habilitada em Música, pela Universidade Federal de Mato Grosso; possui mestrado em Estudos da Linguagem, pela mesma instituição, dentro da linha de pesquisa “Música: educação, estética e amálgamas sonoras”; e Doutorado, pela PUC-SP (2013-2017), linha de pesquisa “Cultura e ambientes midiáticos”. E é professora do Instituto Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá, desde 2008.
cecilia.dossa@gmail.com

Bibliografia.

ABRACCINE. Associação brasileira de críticos de cinema. Associados. Blogs. www.abraccine.org

BRAGA, Carolina Magalhães. **A crítica jornalística de cinema na internet: um dispositivo em transformação.** 2013. 244f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG e Universidade Aberta de Barcelona/UAB, Belo Horizonte/Barcelona, 2013.

CONTRACAMPO. **A oitava cor do arco-íris**. Edição 64/65. www.contracampo.com.br. CINECLICK. **Crítica – A oitava cor do arco-íris**. 22/05/2009. www.cineclick.com.br

DIÁRIO DE CUIABÁ. www.diariodecuiaba.com.br.

_____, **Trash é cinema de luxo**. 12/12/2014.

_____, **Fim de ano impacta cinema**. 18/09/2014.

_____, **Um filme para pensar**. 05/09/2014.

_____, **Cinema é bom demais**. 26/08/2014.

_____, **Há racismo no cinema brasileiro**. 09/07/2014.

_____, **GP do Cinema Brasileiro divulga indicados**. 08/08/2014.

G1. www.g1.globo.com.br

_____, **A oitava cor do arco-íris é o lanterninha dos cinemas em 2006**. 17/01/2007.

_____, **Filme dirigido por mato-grossense será exibido no festival de Cannes**. 11/05/2011.

GAZETA DIGITAL. www.gazetadigita.com.br

_____, **A Polêmica em torno de A oitava cor do arco-íris**. 31/01/2007.

_____, **'Praia do Futuro' e 'Tim Maia' são destaques do cinema nacional**. 10/12/2014. _____, **Lançada campanha para estimular consumo do audiovisual brasileiro**. 09/12/2014.

GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FOLHA DO ESTADO. www.folhadoestado.com.br

_____, **Mostra destaca a contribuição de Zózimo Bulbul para a cultura negra**. 19/11/2014.

_____, **Novembro será de cinema na Universidade Federal MT**. 04/11/2014.

_____, **Telonas desta semana trazem três estreias**. 16/10/2014.

_____, **Sesc Arsenal apresenta ciclo de cinema 'intenso'**. 05/10/2014.

_____, **Filme nacional é educação**. 02/10/2014.

_____, **Cineasta prepara documentário sobre Várzea Grande**. 29/09/2014.

LAPLANTINE, FRANÇOIS. **Mestizajes**. François Laplantine y alixis Nouss – 1ª ed. – Buenos aires: Fondo de Cultura Económica, 2007. Traducido por: Victor A. Goldstein.

MORIN, Edgar. **O método IV**. Europa-América, 1992.

OGEDA. Alessandra. **A esquerda latina vai ao cinema**. 29/01/2009. www.moviesense.wordpress.com

OLHAR DIRETO. **Filme dirigido por mato-grossense será exibido no festival de Cannes**. 12/05/2011. www.olhardireto.com.br

OMELETE. **A oitava cor do arco-íris - crítica**. 28/09/2006. www.omelete.uol.com.br.

PINHEIRO, Amálio (Org). **O meio é a mestiçagem**. São Paulo: Estação das Letras, 2009.

_____, **América Latina - Barroco, cidade, jornal**. São Paulo: Intermeios, 2013.

_____, **Ambientes Midiáticos e Processos Culturais - Mídia, Tecnologia e Mestiçagem na**

América Latina. Disciplina do curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, 2º semestre/2013. Caderno de anotações de sala organizado por Ana Cecília dos Santos.

RIVA, JOSÉ. **Moção de congratulação. Riva parabeniza cineasta de MT que exibirá filme em Cannes.** 13/05/2011. www.joseriva.com.br

SALLES, Cecília A. **Gesto inacabado. Processo de criação artística.** 5ª ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

_____. **Redes da criação. Construção da obra de arte.** 2ª ed. Vinhedo: Horizonte, 2008.

SANTOS, Ana Cecília. **Discussão sobre a Crítica Cultural em Modos de Conhecimento que servem às Sociedades Mestiças: o Cinema mato-grossense.** (Conferência) Jornada de Pesquisa e Extensão IFMT Campus Cuiabá, 2014. 09 a 11 de setembro de 2014. Disponível em: www.jornada.cba.ifmt.edu.br/jornada